

**A IMPORTÂNCIA DA GRAMÁTICA
NA RETERRITORIALIZAÇÃO
DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Rosélia Sousa Silva (UFT)
roseliasousasilva09@gmail.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)
luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

É inepto pensar que somente o que existe de moderno é melhor. É preciso ter a humildade de reconhecer que houve épocas na história da humanidade que superaram a contemporânea em vários aspectos. A conscientização de que algumas modernizações têm de manter boas considerações do modelo antigo é válida também para a educação. Não carece ir muito longe. Na época de Machado de Assis, por exemplo, eram comuns pessoas destacando-se socialmente por serem bons escritores, falantes fluentes e assim cidadãos participativos e de atitudes decisivas na sociedade. Isso parece não acontecer mais tão frequentemente, ou, pelo menos, não se dá tanta relevância a essas capacidades do indivíduo nos dias atuais. É possível que uma das causas do atenuamento no nível de fluência da fala e no domínio da escrita esteja na brusca modificação das práticas pedagógicas, que, atualmente, não dão mais a ênfase necessária para conteúdos gramaticais que são bases fortes e constituintes da língua portuguesa, retirando-os do currículo escolar sem que haja outros conteúdos capazes de cumprir esse papel de aprendizagem. Mesmo com tantos métodos modernos e novidades tecnológicas para o ensino, o que se constata é que os professores não estão conseguindo despertar nos alunos, como em outros tempos, capacidades básicas como o gosto pela leitura, o aprendizado gramatical, a competência discursiva e a habilidade em escrever. Acreditando que o ensino da gramática proporciona a aquisição dessas capacidades mencionadas, este trabalho reflete a importância da reterritorialização dos conteúdos gramaticais nos currículos do ensino nos dias atuais no empreendimento de que a existência de bons escritores, falantes fluentes da língua padrão e cidadãos seguros linguisticamente tornem a ser comum e destaque na sociedade moderna.

Palavras-chave: Reterritorialização. Gramática. Língua portuguesa.

1. Introdução

Partindo do pressuposto de que toda educação comprometida com a cidadania deve criar condições para que o aluno possa desenvolver as

capacidades básicas de falar, ler e escrever bem – três habilidades subsidiadas pela gramática – a escola que aplica com êxito um ensino gramatical cumpre com um dos papéis fundamentais da educação, que é formar cidadãos.

O que se pretende aqui enfatizar é que não se trata de defender o ensino da gramática tradicional nem de afirmar que a gramática é o único meio de se aprender a falar, ler e escrever bem. Decorar regras gramaticais, sem que as compreenda como produtivas para uma expressão escrita e oral, continuará sendo perda de tempo e de energia mental, em qualquer situação de ensino/aprendizagem de uma língua padrão. É preciso que alunos e professores entendam a funcionalidade da gramática e a aplicabilidade, facilitando, assim, o ensino/aprendizagem e construindo os resultados positivos.

Ressaltando que o acesso mínimo à gramática inicial da língua padrão é realizado ao aprender a falar e ao aprender a ler e a escrever conjuntamente. Mas a gramática oficial da norma padrão da língua, que é o tema desse trabalho, precisa ser aprendida, adquirida, estudada. Essa sim é o diferencial que o indivíduo precisa ter na sociedade, pois ao sair da escola fundamental, média ou superior, a imensa maioria das pessoas vai precisar é da língua padrão – falada ou escrita – para ingressar no mercado de trabalho ou para se tornar um cidadão engajado, participativo e crítico na sociedade.

Como se percebe, a maioria das metodologias de ensino aplicadas nas escolas não está sendo suficiente para que o aluno obtenha o desejado domínio da língua padrão. Um estudo gramatical mais sério, rico, objetivo e organizado se faz, urgentemente, necessário.

O domínio da língua padrão é um privilégio que, ao ser contextualizado, possibilita a maior participação social, o acesso à informação e melhor expressão e defesa de pontos de vista, auxiliando a efetivação do cumprimento do papel fundamental de cidadão que está escasso nos dias de hoje.

2. Um breve histórico do ensino da Gramática

O ensino da gramática faz parte de uma língua histórica. A língua portuguesa, como 'historicidade', muda, renova e se reconstrói. A gramática é o limite da língua, impondo normas de até onde a linguagem pode transformar-se e continuar culta, padrão e aceita.

A linguagem teve início desde os primórdios dos tempos, quando o homem descobriu a necessidade de fazer uso da comunicação verbal. Tempos mais tarde, surge a escrita e com ela a necessidade de regras, normas, padrões. É aí que nascem as primeiras padronizações da linguagem – a gramática tradicional, expressão que engloba um aspecto de atitudes e métodos anteriores ao advento das ciências linguísticas. Na década de 60, assistiu-se a um insurgimento contra o ensino da gramática em sala de aula, em vez de dotá-la de recursos e medidas que a tornasse um instrumento operativo e de maior resistência às críticas, resolveram muitos professores e até sistemas educacionais de ensino aboli-la, sem que trouxessem à sala de aula nenhum outro sucedâneo que, apesar das falhas, pudesse sustentar-se.

Na década de 70, os livros didáticos voltam a insistir nas recomendações à gramática normativa.

Sírio Possenti, em sua obra *Por que (não) Ensinar Gramática na Escola*, lembra que as primeiras gramáticas do Ocidente, as gregas, foram elaboradas no século II a.C. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar regras e padrões, tendo como modelo as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores que escreviam e falavam muito bem a língua, tornando-se paradigmas a serem imitados. A partir daí, a gramática se tornou instrumento de poder e de controle.

A importância que a gramática adquiriu, firmada como gramática normativa, foi a de estabelecer a norma culta, ou seja, criar um padrão linguístico considerado modelar. As línguas que têm forma escrita, como é o caso do português, necessitam da gramática normativa para que se garanta a existência de um padrão linguístico uniforme para todos os falantes. A gramática normativa foi num primeiro momento uma gramática descritiva de um dialeto de uma língua. Depois a sociedade fez dela um corpo de leis para reger o uso da linguagem.

Nos últimos vinte ou trinta anos, um grande número de teorias, modismos e escolas sem estrutura para aplicar um ensino de qualidade assolaram o ensino da língua materna, conseqüentemente, o da gramática, deixando a aplicação da gramática confusa para a maioria dos docentes. Os livros vêm cheios de desenhos, pinturas, coloridos, propostas novas e argumentos fáceis; no entanto, nenhum traz uma metodologia que funcione significativamente na prática pedagógica dos professores.

Sai-se de um gramaticismo extremo e passa-se por várias fases ou

correntes, como o estruturalismo exageradamente descritivista, a linha francesa de interpretação de textos, o gerativismo, a teoria da comunicação chacriniana, a escola funcional, a teoria construtivista etc.

Hoje, o que se percebe nas escolas é uma confusão na aplicação das metodologias de ensino. Há professor que chega a aplicar dois ou três métodos diferentes para conseguir obter os resultados desejados, não é difícil encontrar escolas que já não sabem declarar qual método de ensino seguem, pois selecionam a partir de diversas teorias o que acham melhor para a prática pedagógica. Isso deixa claro que, mesmo com tantas teorias pedagógicas, o ensino da gramática, assim como outros ensinamentos, ainda não foi delimitado, conceituado e explicado como necessita ser, nem tampouco encontrou-se um segmento metodológico capaz de superar as dificuldades presentes do ensino.

Nesse sentido, percebe-se que houve uma desterritorialização curricular sem que houvesse, após isso, uma reterritorialização. “O território é entendido a partir de um conjunto de procedimentos que podem ser descritos e explicados” (...); “O território não se constitui como um domínio de ações e funções, mas sim como um *ethos*, que é ao mesmo tempo morada e estilo”. (PASSOS & ALVAREZ, 2015)

3. A influência da gramática para a eficiência da fala-leitura-escrita

As novas metodologias de ensino vêm buscando novas maneiras de aplicar o ensino da gramática, uma vez que já é evidente e comprovado que a gramática auxilia significativamente o falar, o ler e o escrever bem, porém há ineficiência no sistema de ensino que insiste no tradicionalismo puro e cruel.

É, portanto, necessária não só a modernização do ensino da língua portuguesa, mas também, e obviamente, o reconhecimento que a gramática continua sendo importante, necessária e indispensável para aquisição de um padrão linguístico da língua culta. Portanto, o fundamental não é abolir o ensino gramatical, mas sim encontrar uma metodologia de ensino eficaz que tire a aversão que o aluno constrói sobre as aulas de gramática.

Um ensino de gramática interligado com a leitura, intrínseco na produção de textos, proposto com uma prática menos conservadora, envolvendo uma metodologia que aproveite o conhecimento prévio para multiplicação e aprimoramento do saber, com certeza estimula os talen-

tos naturais, minimiza inseguranças na linguagem e proporciona construção de expressões livres, autênticas e seguras do indivíduo.

Marcos Bagno, em *Preconceito Linguístico*, diz que “a tarefa de uma gramática seria definir, identificar e localizar os falantes cultos, coletar a língua usada por eles e descrever essa língua de forma clara, objetiva e com critérios teóricos e metodológicos coerentes”. (BAGNO, 1999, p. 55)

A gramática é a base para obtenção da norma culta, é guia, é auxílio fundamental nesse processo quando ensinada de forma intertextualizada (aliada às outras disciplinas), contextualizada (levando em consideração a realidade do aluno) e objetiva (para aquisição da língua padrão). Não se trata de afirmar que todas as pessoas que tiverem domínio gramatical serão bons escritores ou bons oradores, mas sim de entender que esse domínio adquirido será fator condicionante para o crescimento do potencial linguístico, para o aumento do nível cultural e para a segurança no falar e escrever do indivíduo comum, o que já é uma relevante conquista social. Afinal, o professor de gramática não precisa ter em mente que sua obrigação seja formar gênios na arte de falar, ler e escrever, mas sim formar pessoas comuns, que têm o direito aos subsídios necessários para desenvolverem suas reais capacidades linguísticas.

Especialmente na escrita, a gramática se faz ainda mais imprescindível. Geralmente, dificulta-se a compreensão se, na sua escrita, não houver a coerência e a lógica proporcionadas pelo conhecimento gramatical.

4. Dificuldades no aprendizado com a desterritorialização da gramática

Boa parte dos alunos ainda não tem percepção nenhuma da utilidade da gramática, não foram despertados para a funcionalidade da gramática na língua padrão que eles necessitariam dominar.

Se, por um lado, professores atribuem as dificuldades no aprendizado a problemas dos alunos como falta de esforço e falta de interesse, há outra parte da culpa na inaptidão dos docentes em ministrar um ensino dinâmico e envolvente, que desperte o interesse e a compreensão pela funcionalidade e importância da gramática na língua portuguesa. O nível de conhecimento, de atitude, de dinamismo dos professores, em geral, é muito baixo. Isso é tão verdade que, quando se tem notícia de um profes-

sor que dá excelentes aulas de gramática, todos se admiram, como se dar boas aulas não fosse a função primordial de todos os professores.

Na pesquisa de Maria Helena de Moura Neves, *Gramática na Escola* (2005), a atitude de comodismo dos professores – provocada por diversos motivos – fica comprovada nas respostas dos docentes que fizeram parte das entrevistas. De acordo com a pesquisadora, apenas 2,94% dos entrevistados recorrem a manuais de gramática para consultas na hora de preparar suas aulas; o restante, restringindo-se apenas ao livro didático que, obviamente, não é suficiente para formar e informar continuamente o professor, acaba por dar aulas que não conseguem levar os alunos ao domínio da norma de prestígio. Essas atitudes de comodismo tendem a deixar o professor alheio às novidades sobre práticas de ensino, normas, correções e atitudes diversas em sala de aula, o que vai influenciar negativamente na transmissão do seu conhecimento, dificultando, assim, o aprendizado dos alunos.

É dificultoso haver um ensino/aprendizado de qualidade com um nível tão baixo na formação dos professores. Entre eles, muitos estão ainda parados no que aprenderam no antigo magistério, utilizando-se de metodologias ineficazes e traumatizando o aluno com um "ensino" gramatical deturpado e complicado.

O que acontece é que uma grande maioria dos professores de Língua Portuguesa está desorientada, sem saber exatamente o que ensinar para os alunos, o que lhes será útil. O professor "antiquado", que só se preocupa com a correção pura e simples em todas as circunstâncias e com o ensino da gramática tradicional, já é sabido que não tem sucesso nenhum; pois o aprendizado do aluno é lento e dificultoso. O professor "moderninho", que acha que tudo é válido em linguagem desde que se logre comunicar e que, em consequência disso, passa todo o ano apenas "admirando" as letras de músicas e os textos de publicidade, esperando que, com isso, o aluno seja capaz de construir textos com conteúdo e qualidade e expressar-se fluentemente em português padrão, está, na maioria das vezes, enganado.

O trato ou a convivência com a língua padrão, quer se trate da leitura ou da escrita, é a mais importante via – não a única – para o cidadão comum perceber e apreender a variante de prestígio, pois é com o dialeto padrão que ele mais terá contato e necessidade para se inserir na comunidade letrada, no mercado de trabalho, na classe culta e nas tradições culturais da sociedade.

Embora, seja possível utilizar a língua literária como estratégia para aproximar o aluno da língua padrão, essa postura, geralmente, não é utilizada para esse fim, mas sim como atitude de rebeldia em relação à língua padrão.

Observando essas posturas do professor, percebe-se o quanto ele está confuso com a indefinição do ensino de língua no Brasil. Com isso, não sabe que postura adotar, fazendo assim, de suas aulas, um verdadeiro arsenal mestiço, porque, não estando definidos quais são os objetivos do ensino da gramática e das outras frentes da língua portuguesa, o professor, na dúvida, vê-se obrigado a dar "de tudo" para o seu aluno. E é evidente o quanto sai desorganizada essa aplicação "de tudo" e o quanto confunde o pensamento do aluno. Confusão é dificuldade para o aprendizado.

A escola também influencia muito no aumento do fracasso do ensino/aprendizagem em todas as disciplinas, especialmente em língua portuguesa. O ensino tradicional, já dado como decadente, ainda é mantido em algumas escolas com métodos ultrapassados que só levam o aluno e o professor à perda de tempo e, claro, ao déficit no aprendizado.

Em relação aos livros didáticos, a maioria apresenta as informações de forma incompleta, complicada e sem uma segmentação coerente dos assuntos. Os mesmos professores que declaram serem boas diversas abordagens gramaticais do livro, também declaram que é necessária uma complementação, fazendo constantes buscas em outros livros. Alguns acabam por usá-lo apenas como auxiliar.

Para finalizar, um outro insucesso no aprendizado da gramática é resultado de falhas na alfabetização e na falta de leitura ao longo da vida escolar dos alunos. Muitas vezes, os alunos chegam ao ensino médio, fase em que já deveriam ter boas noções de gramática, muito despreparados, com pouca competência comunicativa em nível culto, sem embasamento algum sobre língua padrão e sem desenvolvimento positivo na leitura e na escrita. A leitura é importantíssima no desenvolvimento do vocabulário e do conhecimento gramatical do aluno, no entanto, o aluno lê pouquíssimos livros e apenas quando é obrigado pelo professor.

5. Gramática e o ensino da língua padrão

Seja com preocupação normativa, seja com preocupação descritiva, o que se observa é que as atividades relativas ao ensino da gramática

são atividades de exclusiva exercitação de metalinguagem. Dificilmente os professores encontram-se cientes do papel da gramática para o ensino da língua padrão, tampouco compreendem a gramática como sendo o próprio sistema de regras da língua padrão em funcionamento.

A atividade linguística, como atividade humana, tem dimensões discursivas, semânticas, sintáticas e gramaticais, de modo que a linguagem é e tem de ser considerada como uma atividade comunicativa, uma atividade cognitiva e um objeto de análise. Intuitivamente, o professor percebe essas diferentes dimensões da linguagem, mas, pela força da tradição e da organização dos programas escolares, dificilmente as trata com a devida consideração e acaba traduzindo-as de maneira equivocada. O que prevalece é a compartimentação estabelecida pelos livros didáticos entre: 1 – redação; 2 – leitura e interpretação; e, 3 – gramática. Relacionando essas atividades com as dimensões acima citadas, vislumbramos que a gramática é relacionada como simples atividade de análise da língua.

Os professores ainda têm um conceito limitado de gramática como atividade normativa e/ou atividade descritiva. Exatamente por isso, todo ensino definido na programação escolar reflete o desprezo pela atividade essencial de reflexão da gramática sobre a linguagem e sobre a operação da língua padrão. Não se observa qualquer reserva de espaço para a reflexão sobre os procedimentos em uso, nem sobre a visualização da gramática como auxílio fundamental para o domínio da língua padrão em funcionalidade.

Toda língua funcional tem a sua gramática como reflexo histórico de uma técnica linguística que o falante domina e que lhe serve de intercomunicação na comunidade a que pertence ou em que se acha inserido. A gramática é o elemento pelo qual se mantém um padrão de comunicação culta, histórica e rica comum entre todos os falantes. Vale ressaltar, novamente, que não se trata de inibir ou banir qualquer criatividade do falante. Ser mutável é uma característica do ser humano e, sendo ele o usuário da língua, é impossível que esta permaneça estável. Trata-se, apenas, de direcionar sistematicamente as construções da língua ou de conduzi-las a uma variação organizada, objetiva, coesa e aceitável, de forma que o falante mantenha, dentro de suas originalidades, uma semelhança com o padrão linguístico da sociedade a qual pertença, possibilitando ser compreendido e aceito pelos outros falantes da língua.

O ensino escolar tem de esclarecer ao aluno que ele pode ser um

poliglota em sua própria língua. Se ele fala um dialeto considerado não culto, fora das normas padrões, o ensino de gramática não precisa estigmatizar essa variedade linguística, mas dispor ao aluno a necessidade de ele também apreender a língua padrão com a qual ele terá muito contato durante sua vida. Se ele absorver essa ideia com sucesso, perceberá a distinção entre as duas e qual lhe será mais válida culturalmente na sociedade em cada contexto de atuação.

Hoje, por um exagero de interpretação de “liberdade” e por um equívoco de supor que uma língua ou uma modalidade de uma língua seja imposta ao homem, chega-se ao abuso inverso do que acontecia na escola antiga, repugnando qualquer atuação da língua funcional padrão e vangloriando a coloquial, de uso espontâneo na comunicação cotidiana. Como se percebe, qualquer exagero é opressão. A atitude correta é dar ao aluno a oportunidade de aprender, dosada e eficazmente, os dois níveis linguísticos, ou até mais de dois, e a liberdade de escolher para cada ocasião do intercâmbio social a modalidade que melhor sirva à mensagem, ao seu discurso.

É evidente que, em se tratando de linguagem informal - literária, artística -, o indivíduo poderá - até certo ponto - usar o seu instrumento de comunicação da maneira como quiser. Mas, em se tratando de emprego formal da língua, escrita ou falada, a sociedade tem o modelo de língua padrão, relativamente bem definido, que, se o indivíduo quiser inserir-se na comunidade letrada, deve dominá-lo.

6. O papel do professor de gramática

Dentre outras atitudes, o professor deve ter consciência de seu papel, evitando usar somente exercícios pontuais de gramática ou o texto como único e exclusivo ponto de partida; pois são apenas tentativas mal apresentadas que deixam evidente a sua inaptidão profissional.

O professor precisa urgentemente aprender, compreender e acreditar num tratamento claro a ser dado à gramática, pois há uma ligação direta com o que o professor considera que seja a gramática da língua e o funcionamento da prática pedagógica dada à gramática. É essencial uma delimitação do que deve ser ensinado ou exercitado por parte, especialmente, do professor.

Sobre essa delimitação, Maria Helena de Moura Neves mostra o resultado de sua pesquisa:

As respostas dadas à pergunta “Para que você ensina gramática?” permitem depreender dois principais conceitos que os professores de 1º e 2º graus têm de gramática: 1) Gramática como um conjunto de regras de bom uso (= gramática normativa); 2) Gramática como descrição das entidades da língua e suas funções (gramática descritiva). Nenhum professor mostrou compreender a gramática como o próprio sistema de regras da língua em funcionamento. (*Gramática na Escola*, 2005, p. 40)

O papel do professor de gramática é mais geral e mais profundo. Sua profissão se caracteriza por duas funções básicas: o papel de “educador”, inerente ao professor de qualquer disciplina; e o papel de professor de português com as habilidades e tarefas específicas do ensino da língua materna. Sendo assim, a delimitação para que se deve ensinar a gramática também é mais geral e mais profunda do que o que pensam os professores da pesquisa de Maria Helena de Moura Neves, visto que a tarefa de “fazer a cabeça” do aluno ou fazer o aluno pensar está relacionada diretamente com o professor de português, sendo uma de suas duplas funções.

O papel do professor é acreditar sempre que, mesmo o aluno que nunca teve contato com o ensino da gramática, tem competência para alcançar o domínio da variedade padrão da língua, após alguns anos de escolarização. Para isso, basta que as potencialidades do aluno sejam adequadamente exploradas. A escola e o professor, principalmente, têm de proporcionar experiências verdadeiramente úteis para que o aluno desenvolva as competências de que já dispunha e, em vez de insistir em exigir que o aluno saiba conceituar a linguagem padrão e os fenômenos gramaticais, devem instigá-lo a praticá-los.

O bordão “Língua se aprende, mas não se ensina” não deve servir como minimização do papel do professor como alguém que pouco pode fazer. O professor é investido de uma grande responsabilidade, o que ele deixa de fazer pode servir para atrapalhar muito o aprendizado do aluno. Se é ao aluno que cabe protagonizar o aprendizado de gramática e da língua padrão, é ao professor que cabe a responsabilidade de criar um ambiente em que esse aprendizado possa ocorrer de maneira espontânea e de qualidade. É no professor que deve começar a mudança de atitude que permitirá um ensino mais eficaz e democrático, e a primeira condição é que ele se liberte de vez dos preconceitos linguísticos que existem difusos da realidade e da necessidade do aluno e que sempre interferem em seu trabalho – um desses preconceitos é o de que o português padrão é difícil ou que não é para todos.

7. A importância de reterritorializar o ensino da gramática

Há lugar para a gramática na escola sim, embora seja um lugar bastante diferente do que lhe era atribuído na prática tradicional de ensino da língua em outras épocas. O ensino gramatical é relevante ainda nos dias de hoje.

O que não há é lugar para um ensino traumatizante. A gramática precisa continuar a ser aplicada; porém, de forma criativa e interativa. O objeto central da prática pedagógica deve ser a gramática normativa, ensinada de forma atualizada e eficaz, para que coincida com a realidade e leve o aluno a desenvolver seu potencial idiomático.

É visível que, por ser um ensino prescritivo que parte da compreensão da língua como um conjunto de leis e normas que devem ser obedecidas, o ensino da língua portuguesa acabe por transformar-se num gramaticalismo pernicioso e que pode ser prejudicial. No entanto, convém que o estudo da teoria gramatical não seja eliminado, mas sim modificado, que ocupe menor espaço e que a prática seja mais explorada; uma vez que o aluno apreende a prática gramatical muito mais facilmente através da leitura e da escrita, isto é, de uma forma natural. Em relação ao ensino natural da gramática, Celso Pedro Luft afirma:

Parece desnecessário advertir que o ensino da teoria gramatical deve consumir o menor espaço entre as atividades dedicadas à língua materna. O melhor ensino gramatical da língua culta se cumpre no consumo diuturno das letras - lidas e escritas. Ler e escrever, escrever e ler - é conviver com a gramática em funcionamento. (1990, p. 44)

É a funcionalidade da gramática. Quando o professor aprende isso e consegue transmitir para o seu aluno, o ensino/aprendizagem fica mais fácil. É importante que o aluno saiba para que, e por que motivo, a gramática será útil no dia-a-dia.

Trata-se de usar a gramática interna, implícita, intuitiva do aluno e fazê-lo basear-se nela para chegar a alguma gramática externa, explícita. O aluno tem de saber o valor de sua linguagem nata e o valor da linguagem oficial culta e buscar uni-las para conseguir, sem traumas, um desenvolvimento linguístico adequado, culto e de valor social.

Sobre a importância da gramática, Celso Pedro Luft, em *Língua e Liberdade: Por uma Nova Concepção da Língua Materna*, diz que “nada, em linguagem, se faz sem a gramática. E os melhores textos se fazem com a melhor gramática (incluídas naturalmente regras da arte da linguagem)”. (LUFT, 1993, p. 16)

O domínio da norma culta isolado fará pouco efeito numa sociedade carente de empregos, de cultura, de oportunidades e de igualdade social. Esse domínio faz parte da necessidade de transformação da sociedade como um todo. É preciso garantir ao indivíduo o reconhecimento da variação linguística e a oportunidade do domínio da língua padrão para que, no momento em que as situações linguísticas exigirem, sua fala culta possa ser usada como ponto positivo e demonstração de cultura consciente e liberta.

Almejando que o aluno de classe subalterna adquira a língua padrão (obviamente não se faz com que ele se torne culto e ilustrado da noite para o dia), possibilitar-se-á que ele tenha maiores possibilidades de se enquadrar dentro da sociedade de forma digna e igualitária, e isso, de certa forma, é uma ascensão social. O ensino da gramática pode proporcionar um posicionamento correto diante da língua e a competência de saber fazer dela instrumento de poder social.

O indivíduo com um conhecimento linguístico adequado e com um domínio relevante da língua padrão terá condições de ler e entender o contrato de trabalho que vier a assinar, terá argumento e postura diante da conquista de um novo relacionamento, terá vantagem na hora do desempate por uma vaga de trabalho, terá condições de compreender, cumprir e exigir as leis que regem a sociedade etc. Enfim, o usuário da norma culta é um indivíduo com muito mais opções de posicionamento privilegiado na sociedade, e esse domínio deve e pode ser usado como instrumento de ascensão social.

O professor Napoleão Mendes de Almeida, falecido em 1998, nunca escondeu sua defesa absoluta – e polêmica – da língua. Como exemplo da importância do domínio da língua, cita em seu *Dicionário de Questões Vernáculas* o seguinte:

Os delinquentes da língua portuguesa fazem do princípio histórico "quem faz a língua é o povo" verdadeiro motor para justificar o desprezo de seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário, esquecidos de que a falta de escola é que ocasiona a transformação, a deterioração, o apodrecimento de uma língua. Cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas [...] é quem devem figurar, segundo esses derrotistas, como verdadeiros mestres de nossa sintaxe e legítimos defensores do nosso vocabulário.

Apesar de ser uma postura conservadora, não é possível deixar de concordar, em parte, com a defesa do autor. Essa parte que merece concordância, serve para mostrar que o domínio da norma culta é poder social e que o argumento de que se deve e pode falar como bem entender e

quiser não é válido. A língua portuguesa padrão existe, é riquíssima e acessível sim, quem despreza seu estudo, sua utilização e sua existência causa a deterioração de um patrimônio tão importante. Quem não teve acesso ou não quis aprimorar-se linguisticamente está muito mais propício a permanecer integrante das classes sociais marginalizadas e discriminadas. É preciso agir contra a destruição da linguagem padrão, como está ocorrendo, numa prova de aversão do brasileiro ao seu idioma, quando é ele um importante meio de integração dos segmentos de baixa renda ao contexto cultural pelo qual todos são responsáveis.

Na já citada pesquisa de campo de Maria Helena de Moura Neves, 50% (cinquenta por cento) dos professores entrevistados afirmaram que o ensino da língua padrão auxilia concretamente na ascensão social do indivíduo, haja vista a linguagem ser um argumento poderoso da sociedade e a finalidade do ensino da gramática ser o bom desempenho linguístico do aluno: melhor expressão, melhor comunicação e melhor compreensão. Através da bem desenvolvida visão desses professores, reafirma-se o papel que a gramática deve desenvolver na atividade discursiva e ativa do indivíduo, deixando de ser um amontoado de regras incompreensíveis e desligadas da aplicação, e passando a atuar significativamente no sucesso da vida prática do aluno.

É possível citar inúmeras razões pelas quais o ensino da gramática é importante, e é preciso ater-se a essas razões, divulgando-as, para que se desfaça a visão deturpada que se construiu sobre a finalidade do ensino da gramática. Como, neste trabalho, a tentativa é mostrar a funcionalidade da gramática, o seu uso prático e real, a sua importância no cotidiano do falante, eis alguns itens que apontam para a necessidade real do ensino da gramática. A gramática aprendida auxilia o indivíduo a:

- expressar-se corretamente e ser bem aceito na sociedade;
- ter domínio da língua padrão culta e ser bem sucedido linguisticamente;
- conhecer a língua, ter segurança nas situações de comunicação, expressar-se melhor a cada dia;
- posicionar-se bem no mercado de trabalho, ser aprovado em concursos e sair-se bem profissionalmente.

Ainda sobre a utilidade da gramática, a pesquisa de Maria Helena de Moura Neves afirma o que segue:

O que ocorre, na maior parte dos casos, é a tradução da gramática para termos práticos (bom desempenho profissional e social, segurança, elevação social) tanto do melhor desempenho linguístico como da maior correção de linguagem, que representam 80% das finalidades indicadas pelos professores entrevistados. (NEVES, 2005, p. 11-15)

Os professores defendem aqui que o ensino da gramática é essencial em diversas áreas da vida do falante, seja ela qual for – profissional, estudantil, social etc. – e não será, em momento algum, um tempo perdido o que o indivíduo gastou aprimorando-se nos conhecimentos da norma padrão, jamais esse conhecimento lhe será prejudicial. Uma grande desinformação é não saber que qualquer pessoa, principalmente se for menos favorecida financeiramente, só tem a ganhar com o domínio da língua padrão – que pode ser facilitado com o ensino da gramática – e com o aprendizado efetivo da leitura e da escrita.

8. Uma proposta para o ensino da gramática

Desde que foi constatada a ineficiência de um sistema de ensino de língua portuguesa que visava, por excelência, ao ensino da gramática com um fim em si mesmo e não em sua aplicação na realidade, buscaram-se outras maneiras de elaboração do conteúdo programático da disciplina nas escolas.

Como se afirmou em alguns itens desse trabalho, há algo no ensino de português que não está funcionando adequadamente. Como é óbvio, infelizmente, ainda não há uma receita pronta de como se deve agir para reverter esse quadro. Existem inúmeras obras, inúmeras discussões e tentativas vãs, que não esclarecem as infinitas dúvidas relativas ao ensino da gramática (quem sabe não é de receita que precisamos, mas de uma compreensão rizomática, ou cartográfica, dos fenômenos gramaticais).

No entanto, há, felizmente, alguns métodos sendo adotados por uma parcela mínima de educadores bem-sucedidos que já estão surtindo efeitos positivos. Neste item, discutem-se e relatam-se algumas dessas metodologias que podem mudar positivamente o rumo do ensino gramatical no Brasil.

Um adolescente de 13/14 anos encontra-se numa fase especial da vida, em que desabrocham várias capacidades: a competência de assimilar os mais diversos conhecimentos, de raciocinar de maneira mais fecunda, de decifrar as mais complicadas fórmulas e de analisar/interpretar/estabelecer relações/deduzir/concluir a respeito dos mais variados as-

suntos; e, apesar de conviver cotidianamente com a língua padrão na escola durante anos, há aluno que conclui a 8ª série sem ser capaz de escrever um texto razoável, de acordo com as normas do dialeto padrão.

A culpa não é especificada de quem seja. Mas é, em sua grande maioria, do ensino precário do português, da maneira como tem sido feito nas escolas e do profissional mal qualificado que tem manejado esse ensino em sala de aula. Isso tem que mudar urgentemente.

Os professores se encontram confusos e cada um tenta agir da maneira que lhe convém. Não se propõe aqui um monitoramento robotizado, mas sim que sejam traçados, com muita clareza, os objetivos básicos do ensino do português em nível nacional. Afinal, qual a importância da gramática no ensino da língua? Como devem ser as metodologias para alcançar um ensino de qualidade? O que o aluno realmente tem que saber para ser cidadão crítico, culto, respeitado e ativo na comunidade linguística?

Depois de respondidas essas e outras questões por uma equipe de pesquisadores com representantes máximos da educação no Brasil, como foi feito nos parâmetros curriculares nacionais, é necessária a implantação desses tipos de propostas pedagógicas que atendam a todos os estados, que deem subsídios, segurança, rumos para o professor seguir. De nada adianta a existência de bem elaboradas teorias se elas não forem postas em prática pelos professores.

A educação precisa partir do princípio de que o ensino da língua portuguesa, da língua padrão, da gramática deve ser feito de maneira eficiente, organizada e sistemática, como é feito o ensino de qualquer outra disciplina ou ramo de conhecimento humano. O ensino da língua padrão precisa ser padronizado, todos os professores precisam ser conscientes de *para que ensinar* e de *como ensinar* a gramática para falantes distintos. Assim como é padronizado o ensino de geografia, matemática, história e outras disciplinas, que, por serem organizadas e sistemáticas, não são alvo de críticas, confusões e baixo desempenho.

Não há dúvidas de que o estudo de gramática e o aprendizado de redação são elementos importantíssimos para a aquisição da modalidade padrão da língua portuguesa. Por isso o aluno não pode passar oito anos do ensino fundamental apenas lendo textos prontos ou reescrevendo textos pré-definidos pelo professor. É preciso garantir efetivamente a todos os alunos o domínio da língua padrão ao final da 8ª série, no máximo. Para isso é necessário que a prática de leitura e produção de textos seja

feita de maneira organizada, sistemática, objetiva, estimulante. Se não for assim, de nada adianta a inteligência aguçada dos adolescentes, eles clamam por raciocínios lógicos e coerentes no ensino, pois é assim que o ensino da norma padrão deve acontecer, com lógica e coerência.

Para que haja um novo ensino de gramática, a fixação dos objetivos das aulas de língua portuguesa precisa ser estabelecida e utilizada. É essencial que os professores saibam para quê, evidentemente, ensinar a língua padrão, a gramática, o português e, a partir daí, desenvolver práticas pedagógicas coerentes. O que tem acontecido no planejamento das atividades é, na realidade, um procedimento artificial, divorciado das reais "crenças" do professor no verdadeiro sentido do seu trabalho. A atividade de fixação de objetivos é considerada pelos professores como um mero cumprimento de uma exigência burocrática, a única preocupação é com a apresentação formal dos objetivos.

O mesmo nível empregado nos planejamentos bem redigidos e de bom nível técnico tem de ser empregado na atividade prática, verificando a atuação e a presença desses objetivos, agindo em sala de aula no mesmo sentido e direção que forem fixados na relação dos objetivos. É preciso que o "para quê" ensinar gramática, fixado nos objetivos registrados no planejamento escolar, seja o mesmo que constitui a crença do professor, o que normalmente não ocorre. Os professores, em geral, não confessam no registro institucional que fazem, os reais objetivos do ensino que empreendem. Ou, em algumas vezes, nem mesmo possuem reais objetivos fixados.

Como se percebe, um dos principais problemas do ensino de língua portuguesa está relacionado com a indefinição de objetivos dessa disciplina. Como consequência disso, as aulas de gramática apresentam uma multiplicidade de tarefas e crenças, nas quais, muitas vezes, é difícil encontrar uma organicidade que justifique a sua aplicação. Para que um novo ensino aconteça, daqui se deve começar a mudança.

O que se propõe é que as inúmeras tarefas não sejam reduzidas a umas poucas tarefas, mas sim, que obedeçam aos princípios da língua padrão – para que aprender e como ensinar – e demonstrem organicidade, sistematização, eficiência e clareza em sua aplicação. Que os conteúdos sejam aplicados através de métodos adequados e lógicos, a fim de que as aulas sejam realmente úteis e indispensáveis aos alunos.

É preciso parar de confundir o ensino da gramática com a mera e traumatizante decoração de nomenclaturas dos fenômenos gramaticais. A

gramática deve entrar nas aulas de português como composição do conteúdo e como enriquecimento para os textos construídos pelos alunos. Deve ser considerada uma das fontes para o ensino da língua, mas não única.

A leitura é grande influenciadora no aprendizado gramatical e há diversas formas de o professor estimular o aluno a ler, seja em casa, seja na escola. A técnica adotada pelo professor Gilmar Ramos de Souza, da Escola G9, da rede particular do município de Itajubá (MG), segundo relata o artigo "Novas Práticas Melhoram o Ensino da Língua Escrita", de Rodrigo da Costa Araújo, é a seguinte: "Eu leio em sala de aula, pelo menos um conto por dia. Às vezes, faço uma encenação para os alunos. Eu começo a contar uma história de algum livro e, no ponto mais interessante, eu interrompo. Digo que não me lembro do resto". (2003, p. 6)

Segundo a bibliotecária dessa escola, essa técnica aumentou muito a procura de livros pelos alunos. E ainda, segundo o professor Gilmar, seus alunos desenvolveram significativamente suas construções de textos desde coesão, coerência, argumentação lógica, até escritas gramaticais corretas.

O hábito da leitura pode dispensar o ensino metódico e travado da gramática, que vai ser aprendida no contexto dos textos que o aluno lê ou produz. Ler e escrever não são tarefas extras que possam ser feitas em casa ou quando sobrar tempo em sala de aula, mas sim atividades essenciais ao ensino da língua padrão. Com a atividade constante e bem dirigida da leitura e da escrita, os resultados começaram a surgir em textos mais criativos, ricos e coerentes, que demonstram a capacidade de síntese do aluno, a reprodução coesa de ideias e a ocorrência de poucos erros gramaticais.

O ensino da gramática pode surtir melhores efeitos quando não trabalhado de forma isolada. Uma considerável metodologia é aplicar o ensino na construção dos textos que o aluno produz, à medida que vai havendo o desenvolvimento da ideia por parte dos alunos, o professor vai explicitando os fenômenos gramaticais de forma contextualizada.

Sobre as falhas no ensino da língua, relacionadas com a importância que ainda se dá ao ensino isolado da gramática, diversos pedagogos apontam como proceder no ensino/aprendizagem.

A pedagoga Silmara Helena Zago, que é professora em duas escolas da rede particular de Campinas, em palestra realizada em São Paulo

em 2005, disse que acredita que as "falhas no ensino da gramática estejam mais relacionadas com a importância que se dá ao ensino isolado da gramática". Para ela, a aprendizagem da língua portuguesa para crianças é possível quando a criança lê e escreve. Nesse sentido, o equívoco está em exigir que a criança escreva "certo" em relação à ortografia, no primeiro momento da alfabetização. Nesta fase é importante que a criança consiga reproduzir suas ideias, de forma clara, encadeada e criativa. Em um segundo momento sim, a criança deve, já com a capacidade de elaboração garantida, ser orientada às normas ortográficas.

Além de incentivar a leitura e a escrita para o desenvolvimento do seu aluno, o professor precisa quebrar a distância que existe entre o aluno e o ensino da gramática dentro da sala de aula, tornando o aprendizado para o aluno mais possível e prazeroso e não somente obrigatório. Para isso, as informações devem ser transmitidas de forma interativa e criativa, o aluno pode ser o grande criador de situações em que será pertinente a entrada do professor com o ensino da gramática. É muito válido partir das necessidades do aluno, das dificuldades distintas que cada um possui em relação à língua padrão.

A gramática não pode ser aplicada apenas como regras e teorias. Dela também faz parte a construção de textos, a aquisição da linguagem, o aprimoramento da interpretação de leituras. O aluno somente interioriza o conhecimento da estrutura se ela for contextualizada em situações comunicativas, contextos reais e vivenciados pelo aluno. É fundamental despertar no aluno a consciência da funcionalidade do ensino da gramática na fala, na leitura e na escrita. A questão da comunicação tem de ser colocada no centro do ensino da gramática. Esta é uma mudança significativa e necessária: dar aos alunos mais possibilidades de ler, de escrever textos e, principalmente, de aprender ortografia e gramática em função da comunicação.

O que se apresenta nesse item não são receitas, pois, como já se disse, elas inexistem; mas sim, exemplos breves para mostrar que o ensino da língua padrão é possível e um pouco mais simples do que se divulga. Não há aqui, a pretensão de polemizar, nem de confrontar com outros conceitos, mas sim propiciar a qualquer educador, aos estudantes de Letras ou a qualquer leitor que, por ventura, leia esse trabalho, uma reflexão a fim de definir ou redefinir sua prática pedagógica.

Acredita-se que, para se ensinar gramática e mostrar que ela é útil e necessária, não é forçoso discriminar ou ignorar as variedades linguísti-

cas que existem fora do padrão. O certo é ter sensibilidade para discernir o que é a deterioração da língua e, por outro lado, o que é apenas vitalidade linguística. É possível repudiar os dialetos "errados" sem ofender. A capacidade de falar com clareza, com firmeza e com educação sobre a importância do ensino da gramática, sem a afetação típica de gramáticos radicais, só mostra que o educador entende mais de gramática e de língua portuguesa. A defesa da norma padrão pode ocorrer ao mesmo tempo em que se respeita o registro popular do aluno.

Um novo ensino de gramática carece de profissionais sensatos, que reconheçam que não cabe ao educador castrar hábitos linguísticos diferentes dos que prega a norma padrão, mas sim, ser fiel ao dever de ofício do professor de gramática que sempre saberá dar a oportunidade aos seus alunos de conhecerem a língua padrão e perceberem o quanto ela é útil para sua convivência na sociedade.

9. Considerações finais

Ressaltando que a discussão no decorrer desse trabalho foi em defesa do ensino da gramática aplicada de forma a ser traduzida para a realidade do indivíduo, chega-se a constatação, após os estudos para elaboração desse trabalho e as observações das práticas pedagógicas em sala de aula, de que a gramática "ensinada" nas escolas está longe de servir para esse fim.

Nas aulas de língua portuguesa, sabe-se que o objetivo primordial deve ser ensinar a língua padrão. Para alcançar esse objetivo, o aluno precisa utilizar a gramática como um dos meios de melhor aprimoramento e domínio dessa variante. Nesse enfoque, o ensino da gramática é necessário, relevante e de grande utilidade ainda nos dias atuais.

O registro culto da língua está sempre vivo na sociedade, sendo assim, o professor precisa utilizar a gramática, o ensino eficiente da gramática, para que o aluno se certifique dela e possa ter segurança, entendimento e variedade culta o suficiente para se comunicar nas situações em que for exigida a norma culta da língua.

Entretanto, pode ser que, talvez, recaia sobre essa maneira de pensar a importância do ensino da gramática uma resistência ou uma desconfiança por parte dos leitores, visto que continuar com a prática de ensinar a gramática é um trabalho bem mais árduo do que simplesmente ignorá-la e deixar essa necessidade do aluno sem ser atendida. Ou, ainda, porque

o ensino tradicional da gramática ainda seja o único modo de ensiná-la, provocando, assim, uma repugnância que impede as pessoas de observarem e selecionarem o que é essencial e insubstituível no ensino da gramática.

Portanto, o ensino da gramática ainda carece de ser praticado nas escolas, e há outras maneiras pelas quais ela possa ser ensinada que não sejam maneiras ditadoras de tempos passados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1987.

ARAÚJO, Rodrigo da Costa. Novas práticas melhoram ensino da língua escrita. *Linguagem, Cultura e Transformação*, 10/08/2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/linguagem/ling02.htm>>.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 7. ed. São Paulo: Ática, 1993.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*. São Paulo: Ática, 1993.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na escola*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil, 1996.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Gramática: nunca mais*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.